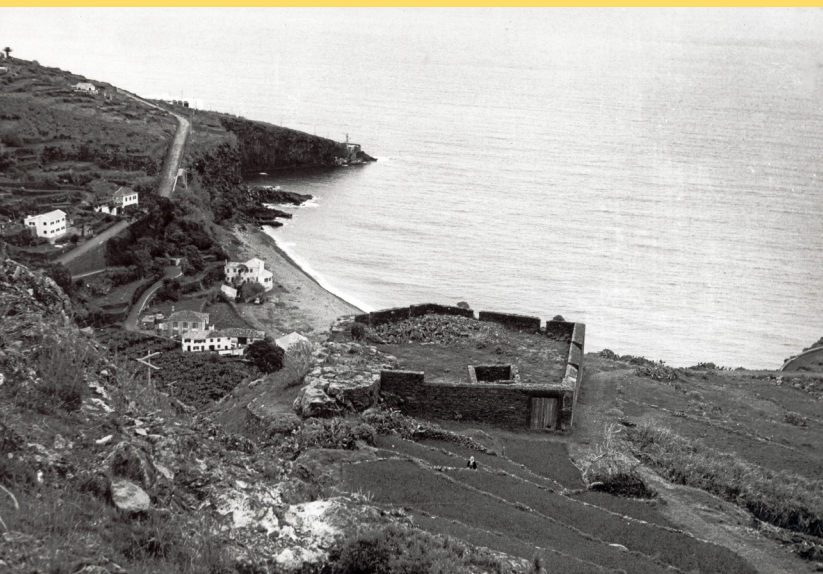


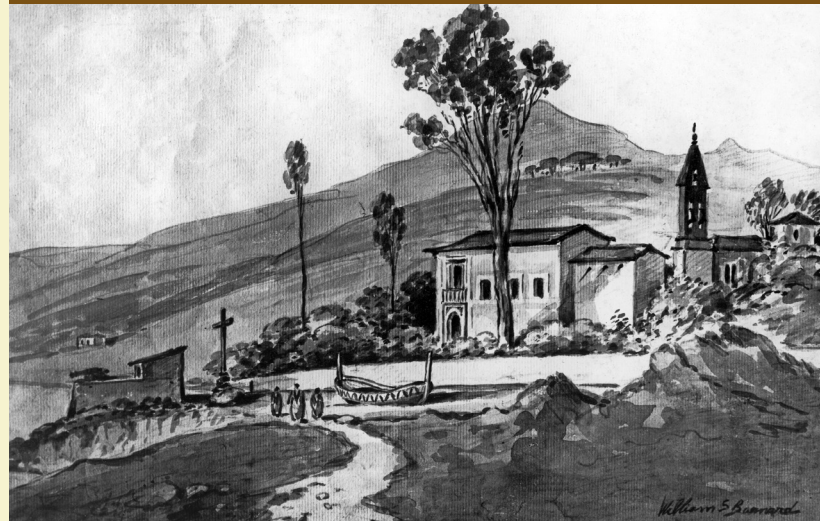
Imagens e memória do concelho de Santa Cruz



Panorâmica do sítio dos Reis Magos, no Caniço, observando-se a Casa do Agrela, uma construção do séc. XVIII lamentavelmente arruinada, e o Reduto de São Sebastião; ao fundo, o Pico da Atalaia. Foto Perestrelos, década de 1960, negativo de película, MFM-AV, em depósito no ABM, PER/8011.



Panorâmica da foz da Ribeira do Porto Novo, em Gaula, observando-se em primeiro plano o Forte do Porto Novo, erguido no cimo da falésia, na banda do Caniço, cenário de um violento combate travado em Agosto de 1828 quando as tropas miguelistas ocuparam a Madeira. Foto Rosado, 1970, prova fotográfica, ABM, COLFOT, m596.



O desaparecido Convento de Nossa Senhora da Piedade de Santa Cruz e o Forte de São Francisco; aguarela de William S. Barnard executada em 1801. Reprodução fotográfica Vicentes, ABM, COLFOT, m11056.

Contam já com mais de século e meio, e até um deles ultrapassa as duas centúrias, alguns dos registos iconográficos – gravuras e fotografias – patentes nesta mostra alusiva ao Concelho de Santa Cruz – a quinta concebida no âmbito do projecto *Imagens e Memória* dos concelhos da Madeira, iniciado em 2019.

O vetusto património edificado nas cinco freguesias do concelho absorve quase toda a exposição. Nela, figuram remotas panorâmicas dos antigos núcleos urbanos e da paisagem rural ainda imaculada de elementos dissonantes, oportunos apontamentos dos seus notáveis vultos arquitectónicos, das velhas igrejas, das seculares capelas e dos seus recheios mais proeminentes.

Em suma, informações visuais, olhares perscrutadores, obturadores que se abriram com enquadramentos mais elaborados ou perspectivas menos conseguidas, mas sempre testemunhos históricos, sempre *memórias*, de certa forma memórias cruéis e inquietantes, sobretudo quando os *objectos* captados desapareceram para sempre ou correm risco semelhante.

Especial evocação às escavações arqueológicas efectuadas por António Aragão em 1961 – as primeiras realizadas na Madeira – que puseram a descoberto os restos soterrados do Convento de Nossa Senhora da Piedade, erguido no local onde, no mesmo ano, foram iniciadas as obras de construção do Aeroporto de Santa Catarina.

As imagens exibidas na mostra integram a *Colecção Fotográfica* (COLFOT) do Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM) e o acervo do Museu de Fotografia da Madeira – *Atelier Vicente's* (MFM-AV).

Jorge Valdemar Guerra

Ficha técnica

Conteúdos – Jorge Valdemar Guerra
Grafismo – Leonardo Vasconcelos
Traduções – Liliana Pestana; revisão de Cefyn
Embling-Evans
Apoio na seleção de documentos – Fátima Barros e Tânia Jesus

Montagem – Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira (DRABM)
Coordenação – Filipe dos Santos
Créditos fotográficos – Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM); Museu de Fotografia da Madeira – *Atelier Vicente's* (MFM-AV)
Projeto de parceria entre a DRABM e a Casa da Cultura de Santa Cruz – Quinta do Revoredo



Secretaria Regional de Turismo e Cultura
Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira

casa cultura
santa cruz
santa cruz
madeira



600
ANOS
MADEIRA
PORTO SANTO



Imagens e memória do concelho de SANTA CRUZ

21 novembro – 2020

30 janeiro – 2021

CASA DA CULTURA DE SANTA CRUZ
QUINTA DO REVOREDO



Vila de Santa Cruz

Santa Cruz - breve memória histórica



Panorâmica do centro da Camacha onde se ergue a Igreja de São Lourenço. Foto Perestrelos, fins do séc. XIX, negativo de vidro, MFM-AV, em depósito no ABM, PER/74.



A Igreja de Santo António da Serra e a antiga Casa dos Romeiros. Foto Padre Eduardo Pereira, 1951, negativo de película, ABM, ENP, pt. 25, n.º 378.

Na sua narrativa da expedição à Madeira comandada por João Gonçalves Zarco, conta-nos o cronista Jerónimo Dias Leite que, desembarcado na baía de Machico, o pequeno grupo de exploradores iniciou, logo no dia seguinte, o reconhecimento da costa sul insular em batéis, deixando os navios da jornada ali ancorados. Deslocando-se para poente, e ultrapassado o Porto do Seixo, assim apelidado pelo Capitão, a expedição alcança uma enseada «donde acharam em terra uns cepos velhos derribados do tempo, mandou o Capitão deles fazer uma cruz a qual mandou arvorar num alto de uma árvore e deu nome ao lugar Santa Cruz donde se depois fundou uma nobre vila».

Escrevendo em 1579, assevera Dias Leite que se tratava da «maior e mais rica e melhor povoação de toda esta parte de Machico», acrescentando que não fora a circunstância de «ser Machico cabeça desta jurisdição por ser primeiro achada», sem dúvida seria Santa Cruz «cabeceira de toda esta Capitania».

Realmente, não obstante a evidente proximidade com a vila de Machico, sede da capitania, uma carta régia de 25 de Junho de 1515, considerando, entre outros factores, que o lugar de Santa Cruz havia sido «tão acrescentado em povoação» e a «aspereza» dos caminhos que o ligavam a Machico, elevou-o à condição de vila. Semelhante concessão mereceu veemente oposição dos homens-bons da «governança» de Machico, ao contrário do Capitão Tristão Teixeira que, prudente, de imediato manifestou o devido «acatamento» ao diploma régio. O mais certo é que se tivessem desenvolvido determinadas diligências no seio da corte, por intermédio dos influentes Freitas, antigos servidores da casa ducal de Viseu, que se estabeleceram, ainda no séc. XV, em Santa Cruz. É, de resto, João de Freitas, a personalidade incumbida por D. Manuel para superintender na construção da nova Igreja do Salvador, iniciada em 1502, cuja obra da capela-mor seria custeada pelo monarca. E foi precisamente «nas casas de João de Freitas» que tiveram lugar as primeiras reuniões camarárias, após a elevação a vila.

Em 1584, – e agora é Gaspar Frutuoso que nos esclarece – funcionava ainda no Porto do Seixo o velho engenho dos herdeiros de Urbano Lomelino, – importante mercador genovês e produtor de açúcar, que em 1518 mandou edificar o Convento de Nossa Senhora da Piedade – e, logo adiante, antes da vila, o engenho dos Freitas, abaixo do qual erguia-se o mosteiro atrás referido. A vila, no entender de Frutuoso, era «a melhor de toda a Ilha». Por sua vez, um «recenseamento» datável de 1598, refere que além da Igreja do Salvador, «que tirada a Sé não há outra de naves em toda a Ilha», da Casa da Misericórdia e do mosteiro de frades franciscanos, erguiam-se no território da freguesia de Santa Cruz o avultado número de nove ermidas – Nossa Senhora do Rosário, São Pedro, São Lázaro, Nossa Senhora da Graça, Santo Amaro, São Sebastião, São Roque, Santa Catarina, Santo António da Serra e ainda a «Igreja Velha». A vila contava então com 300 fogos e 998 «almas de Sacramento», números superiores aos da vila de Machico que tinha apenas 210 fogos com 792 almas.

A oeste de Santa Cruz, atravessada a Ribeira da Boaventura, estendem-se as terras de Gaula – singular topónimo de dificultoso desvendamento. Em 1509, regista-se uma expressa menção ao capelão e aos «fregueses» da Igreja de Santa Maria da Luz do «logo de Gaula», indício seguro de que o povoamento era já acentuado naquelas

paragens. Na sua descrição, Frutuoso destaca sobretudo o interposto comercial ali localizado, um dos mais importantes da «Costa de Cima». De Gaula, escreveu o cronista, «indo para a cidade, está uma grande ribeira, muito funda, que se chama do Porto Novo, por o ter muito bom para carregar os vinhos que há nela de boas malvasias que são as melhores da ilha e de outros vidonhos», cuja produção ultrapassava as 300 pipas anuais. Em 1598, acusa o recenseamento, residiam no lugar de Gaula 241 almas em 64 fogos e havia apenas, além da igreja matriz, duas ermidas – a de São Marcos, na Ribeira do Porto Novo, e a de São João Baptista. Na margem direita da Ribeira do Porto Novo, na banda do Caniço, elevam-se imponentes as vetustas ruínas de uma fortificação, testemunha do violento combate que se travou em Agosto de 1828 entre as forças liberais madeirenses e as tropas absolutistas que haviam desembarcado em Machico.

O território do Caniço, repartido pelas duas capitánias, tinha outrora uma singular particularidade – uma igreja na margem direita da Ribeira do Caniço, na jurisdição do Funchal, da invocação do Espírito Santo, e outra na margem oposta, na capitania de Machico, consagrada a Santo Antão, nas quais o respectivo clérigo, já referenciado em 1500, celebrava as missas alternadamente, «um Domingo numa e outro noutra». O templo actual foi erguido em 1780 na margem onde se levantava a antiga Igreja do Espírito Santo. Na época de Frutuoso, destacava-se na planície superior do Caniço, repleta de «chãs terras de canas», a «quintã» dos Ornelas, com o seu engenho de açúcar, e a «fazenda das Moças», igualmente com engenho, onde se erguia, junto de «umas grandes casarias», a Capela da Madre de Deus. Mais tarde, era a vinha a cultura aqui predominante e no início de Oitocentos há referência explícita à «notável cultura das cebolas». Ao longo do mar, desenha-se outra planície, o Caniço de Baixo por oposição ao Caniço de Cima, onde, conta-nos Frutuoso, «está o porto onde se carrega tudo o que há nesta parte».

Na banda norte, na «serra» do Caniço, no território que viria a ser denominado Camacha – topónimo que nos surge pela primeira vez em meados de Quinhentos e constituída freguesia em 1680 – predominava a produção cerealífera, mas era a silvicultura a principal fonte de sustento. Em 1813, o Vigário Apostólico do Funchal assevera que «o povo da Camacha emprega-se em levar cargas de giesta e lenha para a cidade» e até as raparigas, sempre descalças, iam «à serra cortar mato e carregando-o à cabeça levam-no à cidade como os homens». Por meados de Oitocentos, surgiu na Camacha a indústria de obra de vime que, em breve trecho, transformou-se numa manufatura quase exclusiva da localidade que ocupou centenas de pessoas de ambos os sexos.

Igualmente na «serra», no alto de um planalto, assenta a freguesia de Santo António da Serra, dividida por mera convenção burocrática pelos concelhos de Santa Cruz e de Machico. Região serrana, preenchida por pitorescos arvoredos, proporcionou – tal como ocorreu na Camacha – o aparecimento de aprazíveis quintas, sobretudo na segunda metade do séc. XIX, onde os grandes proprietários do Funchal – e os negociantes ingleses – iam passar as «calmas do estio».

Jorge Valdemar Guerra